

# EDUCAÇÃO e ————— TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

**"EDUCACÃO E TECNOLOGIA"**  
Revista do Instituto Politécnico da Guarda

**DIRECTOR: João Bento Raimundo**

**REDACÇÃO: Rua Comandante Salvador do Nascimento**  
**Telef. 21634 6300 GUARDA**

**PROPRIEDADE: Instituto Politécnico da Guarda**

**COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Secção de Reprografia do IPG**

**N.º 1 / Julho 1987**

**Reprodução Total ou Parcial Proibida**

## **ESPAÇO DE INFORMAÇÃO E REFLEXÃO**

**Tudo temos feito para que o Instituto Politécnico da Guarda assuma a sua verdadeira dimensão de pólo dinamizador no contexto sócio-educativo e cultural da região. Para tal, não contam as iniciativas isoladamente, mas enquanto vertentes daquela mesma dimensão.**

**A informação, encarada a vários níveis, assume importância primordial — no selo do próprio Instituto, retratando a realidade em que se insere, projectando nela a sua própria dinâmica.**

**Porque existe para servir, o Instituto Politécnico da Guarda quer servir da forma mais adequada — um compromisso entre a realidade que é, a que queremos ter e a que é possível, em função de condicionalismos que tantas vezes transcendem a própria vontade.**

**Temos igualmente a consciência de que, em matéria de educação e de saber, nunca haverá obra acabada, mas um contínuo fluir; diremos que a obra nasce e, através de múltiplas formas de transformação, cresce.**

**Para tal é necessário o esforço de muitos, preferencialmente de todos — os que estão verdadeiramente empenhados no progresso e na modernização da sociedade.**

**Vários são os graus de responsabilidade no processo.**

**Várias são as formas de influenciar as decisões.**

**Várias são as estratégias para que se conclua sobre o que deve ser feito e como.**

**Está criado o espaço aberto de informação, de reflexão, de troca de experiências. "Educação e Tecnologia" é mais uma obra, ou melhor, mais uma vertente da obra que se pretende seja o I.P.G. na sua globalidade.**

**Professores, alunos e comunidade têm nela o seu espaço. A capacidade para dialogar, a coragem para expressar opiniões, a humildade para ouvir críticas construtivas, a vontade, enfim, para apresentar o melhor, da melhor forma, que pode ser, tão só, o possível, farão de "Educação e Tecnologia" uma verdadeira "obra" de todos.**

**João Bento Raimundo**

Presidente da C.I. do Instituto Politécnico da Guarda

# A INTRODUÇÃO DO LATIM NOS PROGRAMAS DO CURSO UNIFICADO DE PORTUGUÊS

José Miguel Carreira Amarelo, Prof. da E.S.E.G.

Uma língua aprende-se ao mesmo tempo que se bebe o leite materno: no seio da família e no meio social. Ali, a criança aprende a balbuciar os primeiros monossílabos, a unir as sílabas, a dar ao signo um referente, a *construir* enunciados simples e complexos — mais tarde. Independentemente do coeficiente intelectual, a experiência comprova que qualquer humano aprende a falar a língua materna.

Aprende-se a falar português ouvindo e falando a língua nacional. Não se aprende a escrevê-la apenas lendo escritores portugueses. *O domínio do sistema linguístico* — a nível fonético, grafemático, semântico, etc — (tão vasto), é fruto de uma aprendizagem baseada na leitura, leitura que é interpretação.

Aqui começa o problema: Como ensinar — ou como aprender português — (certo que ninguém ensina nada a quem não quer aprender!).

Aprender português significa adquirir competência na utilização do sistema semiótico; conhecer o seu funcionamento; saber determinar as suas unidades significativas; analisar as suas estruturas sintáticas; *interpretar*

*a função semântica das mesmas*; dominar a sua evolução ao longo de gerações e o seu enriquecimento evolutivo no presente. Questão filológica...

Mas saber português é também, — anterior àquela questão, — um problema pedagógico.

Se a essência de uma língua reside nas suas unidades sintagmáticas, nas suas estruturas significativas; se na língua portuguesa estas são distintas de qualquer outra língua românica; se o latim tem um sistema diferente de qualquer outra língua dele derivada; ... pergunto-me, (não obstante), se o latim será um MEIO — para compreender este outro sistema linguístico — o PORTUGUÊS.

Terá o latim uma função necessária ou subsidiária na análise e interpretação da nossa língua; — tal como a Arqueologia o é para a História, como os Estudos Clássicos estão para a Filosofia Antiga, como a Arquitectura para a Engenharia, como as Letras para a Técnica?

Mau grado, não defendo o Latim em si mesmo; outros argumentarão em sua legítima defesa. Não defendo a Língua do Lácio como objectivo de

estudo por si mesmo, mas como Meio, como recurso útil, necessário e não dispensável; não como mostra de erudição ou cultura senão como instrumento de análise de terreno diferente do seu; não como testemunho ou documento de humanismo passado e arcaico, morto, sem interesse para o humanismo da era espacial; não como língua morta que revive nos seus descendentes mas como língua que torna vivo o ensino da língua materna. Saber português é mesmo assim dar vida ao latim em letargia.

Para aprender a falar, a ler, a escrever a língua nacional, correctamente, não creio que haja um processo, um método, mas vários e todos complementares.

A ideia de uma Gramática Universal, vinda da Idade Média, retomada nos séculos XVII e VIII pela Gramática de Port-Royal; uma linguística Cartesiana desprezada pelos Comparatistas do século XIX e Estruturalistas foi, posteriormente, retomada por Noam Chomsky. A introdução da Linguística foi um passo decisivo na renovação da pedagogia das línguas: tornou-se a base da metodologia das línguas. A distinção de F. Saussure, no século XX, entre Linguística Histórica e Sincrónica, a divisão entre Sistema — Fenómeno Social — e a realização individual do mesmo sistema, a Fala, foi um contributo extraordinário para o ensino da língua.

Sendo a língua uma forma e — não uma substância — o objecto de estudo é o sistema, um organismo vivo, com os elementos na sua ordem própria, e onde cada elemento se define pelas relações com outros ou pela sua função no sistema. Ora, só poder haver progressão na aprendizagem da língua a partir de boas análises.

Para o seu ensino e aprendizagem,

é necessário criar etapas, sobretudo no domínio do léxico e, acessoriamente, no domínio gramatical.

Fazer a associação entre significante e significado — outra importante achega de Saussure — é a base de todo o método de aprendizagem de uma língua.

O carácter arbitrário do signo deve encorajar o professor a descer ao étimo, a fazer a análise profunda do termo, a fazer múltiplas associações. Aqui tem um lugar imprescindível o Latim.

Se num sistema linguístico qualquer signo só é significativo por oposição a outros, e no jogo das relações internas, a pedagogia do português deve renunciar à análise dos vocábulos singulares e isolados e, em lugar do pormenor, dar prioridade, descrever, a estrutura de novo, direi:

**aqui tem lugar o latim.**

Pela língua que falamos, somos latinos: aproximadamente 80% das palavras e a maior parte dos factos gramaticais da nossa língua têm origem latina. A visão histórica da língua explica a presença massiva do latim no nosso sistema linguístico. Por uma imperceptível evolução, o latim transformou-se no português, sem que os utentes da nossa língua tenham consciência de estarem a falar uma língua diferente da de origem (Os Lusíadas. I, 33).

Conhecendo-o ou ignorando-o falamos latim. Os vocábulos mais modernos continuam a forjar-se a partir dele: unidireccional, informática, como mercado ou o marketing. Se o latim está morto, isso não importa; a verdade é que ele nos fornece, e é a chave das mais recentes palavras do vocabulário científico e tecnológico.

Identificar as raízes latinas, quer nas palavras diárias quer nas mais especializadas, é interpretar toda a riqueza do

nosso sistema de comunicação. Mais ainda: é motivador da aprendizagem, é lúdico mesmo, para o aluno, estabelecer a relação entre amor e inimigo, p. ex: entre humanidade e o húmus, entre o compreender e o entender, além pelo espírito, aqui pelos ouvidos. E os latinismos: são ou não um enriquecimento da língua? E os renascentistas de Zurara a Damião de Góis, de Garcia de Resende, a Sá de Miranda a António Ferreira, não foi lendo os clássicos que emanciparam a nossa língua, consumada em Camões. Mais: para o filólogo o que é que separa a língua popular da literária? Se no campo lexical é fácil, visto que a evolução fonética determinou as formas populares, as literárias delas se afastaram coincidindo com o termo latino. O mesmo já se não pode dizer da sintaxe.

O próprio Epifânio Dias não delimitou a língua literária da popular, registou mesmo paralelos, interrogou-se sobre se esses paralelos eram de origem erudita ou popular, na sua *Sintaxe Histórica do Português*. E na semântica? Se há casos evidentes do domínio popular distintos do literário, outros são enigmáticos: fingir/fabricar/gostar/provar.

Se à superfície se revela a dificuldade em compreender a nossa língua quanto mais em profundidade. E a sua coerência? A sua harmonia?

Junte-se, ao que fica dito, o prazer de descobrir o mistério da língua, porque é uma aventura, cheia de surpresas agradáveis, para o aluno a partir de uma raiz — v. g. gno — a que é intrínseca a ideia de conhecer — formar uma família de palavras que vão de ignoto...a narrar...a notícia...notar... a nobre, entre outros! Ou ainda a gémeos, nados em tempo e por motivos diferentes ou divergentes!

O domínio da Filologia é a melhor forma de preparação de professores e alunos, de ensinar e aprender. Qualquer que seja o método defendido para o ensino das línguas, todos eles são caracterizados pela introdução da Linguística. Entre os princípios de metodologia, desde Harold Palmer a R. Lado, todos defendem a progressão partindo do conhecido para o desconhecido, de elementos singulares presentes na estrutura frásica — (lexicais, gramaticais ou semânticos) — para a formulação de leis gerais. E o mesmo sentido de proporção se defende, no domínio do falar, ler, ouvir e escrever ou seja, no campo da fonética, da ortografia e da semântica.

Outro princípio de aprendizagem da língua consiste na análise contrastativa das línguas 1 e 2.

Pelas razões expostas, defendo a introdução do ensino do latim no Curso Unificado, nos Programas de Português. Se só no séc. XVI apareceu a primeira gramática da Língua Portuguesa; se Fernão Lopes escreveu, como outros, belas páginas literárias, é bom reconhecer que se conduziram pela Gramática Latina; se o Português é uma língua distinta do latim não obstante, este continua a ser a matriz da língua nacional; se o tecnicismo reduz a Humanitas, aquele tem necessidade, cada dia, de voltar às fontes da sabedoria; se a literatura é uma forma artística da Língua, ela é ainda uma sobrevivência das literaturas clássicas nos seus processos formais.

O magistério requiere o conhecimento das línguas, da civilização, da cultura clássica: explorar a cultura fornecida pelos textos seleccionados em língua materna, dos mais simples aos Camonianos, implica o conhecimento e motivação para o estudo das

línguas ditas mortas. E qual era o homem culto dos séculos XVI, XVII e XVIII que não sabia latim? E sobre o valor e culto do latim na vida social e cultural do século XVI basta ler o Renascimento em Portugal — Clenardo. E como compreender todos os pormenores de uma cultura transmitida pelos clássicos portugueses ou todas as limitações dos mesmos sem o conhecimento da língua latina?

Não se guarde para o Curso Complementar mas introduza-se já, no Curso Unificado, uma Iniciação à Língua Latina dentro dos programas de Língua Portuguesa.

Qualquer bom professor, pode realizar boas aulas, apesar de maus programas.